



MOVIMENTOS TEXTUAIS: UMA ANÁLISE SOBRE AS PRODUÇÕES
ESCRITAS
(TEXTUAL MOVEMENTS: AN ANALYSIS ABOUT THE WRITING
PRODUCTIONS)

Lolyane Cristina Guerreiro CALSAVARA (UEL-PG)

ABSTRACT: *This work had the objective of identifying the indications of the individuality, determining the narrative functions and evaluating how the textual movements are mobilized in the constructions of the texts.*

KEYWORDS: *narrative; subjectivity; textual movements.*

0. Introdução

A análise a ser apresentada foi efetuada no ano de 1999, a partir da produção de textos de quatro alunos residentes em diferentes regiões da cidade de Londrina-Pr. que cursavam, em escolas públicas, a oitava série do primeiro grau. Escolhemos essa série por ser a última série do primeiro grau e, por pensarmos que, em virtude desse grau de escolarização, seriam capazes de realizar movimentos textuais de forma mais coerente do que em outra série do mesmo grau. Procuramos, antes de iniciar nossa pesquisa, interagir com os alunos, mostrando sua importância em nosso trabalho e transmitindo-lhes confiança e respeito. Nesse sentido, a intenção do trabalho é de demonstrar, através de paráfrases criativas produzidas fora do ambiente escolar, como os alunos mobilizam as funções narrativas dentro dos seus textos e, através desses movimentos textuais, verificar a possibilidade de encontrar as marcas singulares dos sujeitos em suas produções escritas.

1. Fundamentação teórica

Para analisar os movimentos textuais, tomamos como referência o trabalho de Labov (1972), o qual considera que, em sua estrutura, uma narrativa pode ser dividida em seis partes: *resumo*, que se constitui em algumas frases as quais sintetizam toda a história. Sua ocorrência é facultativa e, quando ocorre, é a primeira função que aparece na narrativa; *orientação*, que identifica os aspectos temporais, espaciais e as personagens presentes na história; *complicação* é o 'conflito' da história, é a narrativa propriamente dita; *avaliação*, que incide sobre a *complicação* e é definida como a atitude do narrador diante do fato acontecido, de maneira a valorizar sua experiência e a *resolução*, é o desfecho do conflito existente na história que acontece quando os fatos relatados tomam rumos finais. Enfim, Labov propõe como função narrativa a *coda*, considerada responsável pelo retorno do sujeito ao momento da enunciação, indicando o



término da fala. Para a *coda*, conforme Oliveira et al.(1994), existem cinco tipos que identificam essa função:

- *coda propriamente dita*: é um dos recursos que o narrador se utiliza para terminar sua narrativa;
- *coda sem verbo*: encontrada nas narrativas da pesquisa;
- *coda resumo*: o narrador faz uma síntese da narrativa e em seguida a termina;
- *coda moral*: o narrador passa em sua narrativa uma lição de moral;
- *coda avaliativa*: além de terminar a narrativa, o narrador emite sua opinião a respeito do que foi narrado.

A utilização dessas funções nas narrativas, ou seja, a utilização dos recursos textuais mobilizados pelos alunos é que nos levou a reconhecê-los em seus textos avaliando a existência ou não de unidade de sentido nesta mobilização. Embora tenhamos utilizado as funções narrativas de Labov para explicitar os movimentos textuais dos alunos, devemos salientar que encontramos certa dificuldade em delimitar as seções que exercem as funções nas narrativas produzidas pelos sujeitos, pois observamos que elas podem se misturar, isto porque, conforme Bastos (1994) menciona, a análise proposta por Labov parece considerar a narrativa como uma seqüência de seções estanques, na qual a superposição ou o acúmulo de funções de diferentes seções, em um mesmo segmento do discurso narrativo, não transparece totalmente nos textos, sendo as partes 'fixas' que compõem blocos bem delimitados. Já a *avaliação*, além de ser a parte mais importante da narrativa, segundo o autor, mesmo podendo constituir-se uma seção inteira, encontra-se disseminada ao longo de toda a narrativa. Labov definiu que essa função estaria, estruturalmente, entre a *complicação* e a *resolução*, criando o que se chamaria de suspense, entre o conflito e seu desfecho. Porém, segundo Oliveira et al. (1994), a função *avaliação* pode aparecer permeando toda a *complicação*, podendo aparecer no começo e também no final da narrativa.

Através dos movimentos textuais, avaliamos a possibilidade de encontrar as marcas singulares dos sujeitos, que, além de mostrar o trabalho que o autor realiza com a linguagem, nos forneceu informações a respeito do domínio do gênero narrativo, após quase oito anos de escolaridade. Para Bakhtin (1992:301), a primeira escolha que o autor faz ao escrever seu texto é a escolha do gênero:

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto, do sentido), do conjunto constituído dos parceiros etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie a sua individualidade e a sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado.

Desse modo, optamos por trabalhar com narrativas, visando-as mais como um gênero discursivo heterogêneo, que abrange maior mistura de tipos de usos da linguagem, ou seja, procuramos nos diferenciar do estilo escolar, que, enfatizando uma estrutura fixa tradicional de narrativas (apresentação, conflito, resolução), segundo Fiad (1997), visa à homogeneização e não a individualidade do aluno. De acordo com a



autora, para que o sujeito se utilize mais de determinado gênero, é preciso que ele tenha bom domínio do gênero escolhido e, quanto maior o domínio desse gênero, maior será o trabalho que ele efetuará nas demais seleções quanto aos aspectos textuais, gramaticais e lexicais, que vai realizando durante a sua escrita.

Consideramos que a linguagem é um meio de interação social e que, segundo Orlandi (1987), a língua deve ser abordada por sua inserção no contexto social e no universo da tensão humana em que ela atua. Bakhtin (1988) afirma que o centro organizador da atividade mental não está no interior do sujeito, mas no seu exterior, no processo de interação verbal. Ou seja, é o outro que nos faz sujeito de nós mesmos. Para o autor, a palavra é dialógica, e é determinada tanto por *quem* a emite quanto por aquele *para quem* a palavra é emitida. Conforme Geraldí (1991), os sujeitos se constituem através do trabalho lingüístico, ao participarem do processo interacional e, é através do contexto nas construções discursivas que se produzem as ideologias.

Tal fundamentação teórica serviu-nos de suporte para aguçarmos o olhar na análise da manifestação da subjetividade de nossos sujeitos, através de seus movimentos textuais.

Como já citamos anteriormente, visto que a linguagem é um meio de interação, buscamos oferecer meios para que os alunos travassem diálogo com outros textos, para assim, escreverem algo com unidade de sentido para alguém ler. Selecionamos, para a leitura, três textos de tipologias diferentes (um informativo, um depoimento e uma denúncia) que abordavam a mesma temática: *A gravidez na adolescência*, e após a leitura, solicitamos a elaboração de um texto narrativo, com o mesmo tema. Para a execução do trabalho, procuramos fornecer algumas instruções sobre a construção do texto narrativo, porém, poucas informações, pois os alunos, conforme nos disseram, estavam habituados a produzir esse tipo de texto em suas escolas.

2. Análise dos dados

Para este estudo foi feita a coleta de dados em uma sessão para cada par de sujeitos pesquisados. As sessões com os dois grupos de alunos foram realizadas separadamente, em virtude da distância entre as residências dos pesquisados, visto que realizamos um trabalho fora do ambiente escolar e a responsabilidade do transporte dos sujeitos em questão ficou a nosso encargo. A primeira coleta de dados foi realizada em 04/09/99, com J. e F. A segunda coleta foi realizada em 11/09/99 com A.S. e A.L. Todos os alunos cursando a oitava série do primeiro grau em escolas públicas e com a mesma faixa etária: 15 anos.

Percebemos que, apesar de sérias deficiências na prática escrita, sobretudo em termos formais, os sujeitos procuraram escrever seus textos com coerência, buscando sempre atender ao tema proposto, mobilizando, geralmente, as funções narrativas labovianas. A função *avaliação* foi perpassada nas outras funções em todas as narrativas e todas as produções apresentaram a função *coda*.

Vejam como os sujeitos mobilizaram as funções labovianas:



- J. mobilizou, em sua narrativa, as funções *orientação*, *avaliação*, *complicação*, *resolução* e *coda avaliativa*. A *avaliação*, no entanto, esteve presente na *orientação* e na *complicação* não da forma como Labov (1972) propõe estruturalmente, mas sim, permeando várias vezes essas duas funções. O sujeito não utilizou o *resumo*, iniciando, assim, sua narrativa com a função *orientação*. J. encerra seu texto com a função *coda avaliativa*, emitindo, no desfecho, sua opinião a respeito do fato ocorrido.
- F. mobilizou as mesmas funções que J. No entanto, o aluno só utilizou brevemente a *avaliação* dentro da função *complicação*. J. também iniciou sua narrativa com a função *orientação* e, na seqüência como, sugere Labov (1972), utilizou a função *complicação*. A finalização de sua narrativa é demonstrada com a função *coda avaliativa*, na qual F. expressa sua opinião a respeito do que narrou.
- A.L. também iniciou sua narrativa com a função *orientação* e, além disso, seguiu a estrutura proposta por Labov, pois utilizou a *avaliação* para separar as funções *complicação* e *resolução*, mobilizando, em seguida, a função *coda propriamente dita*, conforme Oliveira et al.(1994). Além disso, a forma canônica como A.L. iniciou (*Era uma vez*) e terminou sua narrativa (*E assim os dois se casaram e viveram muito bem e tiveram mais dois filhos*) nos revelou sua subjetividade sempre atrelada às formas de contar histórias, histórias ouvidas quando criança, adaptadas à leitura dos textos propostos para a execução do nosso trabalho.
- A.S. mobiliza em sua narrativa as funções *resumo*, *orientação*, *avaliação*, *complicação*, *resolução*, *coda avaliativa* e a *coda moral*. Como esse aluno foi o único a encerrar sua narrativa com dois tipos de *coda*, vejamos a parte final de seu texto:

<i>Coda propriamente dita</i>	<i>E por fim nós estamos todos felizes com o menino ele se chama André Luiz.</i>
<i>Coda moral</i>	<i>O que eu tenho a dizer é que espero que isso nunca mais aconteça.</i>

Somente uma das produções apresentou o *resumo* da história, sendo as outras produções iniciadas pela função *orientação*, o que não parece contradizer a teoria de Labov.

Ressaltamos que, além dos diferentes modos de mobilizar as funções labovianas, os sujeitos apresentaram outras marcas de subjetividade que evidenciaram o não domínio do texto escrito por parte dos alunos, como:

- a não utilização de parágrafos na narrativa de F.: *A história aconteceu no ultimo mês de Janeiro. Procurou o namorado e contou a ele. O rapaz nem a moça trabalhavam mas tiveram insentivo. Ocorreu tudo bem a criança nasceu.*

- o uso do discurso direto na narrativa de A.L.: - *contos anos ela tem e ele falou:*
- *Ela tem 17 anos.*



- marcas de oralidade nas narrativas de A.L. e de A.S.: *Quando eles chegaram lá./ tabão então você vai lá na casa dela./ Dai no outro dia ele ligou lá.*

- repetição de palavras na narrativa de A.L.: *Dai no outro dia ele ligou lá em casa falando que tinha saído com ela e tinha saído sozinho com ela.*

3. Algumas considerações finais

Através da análise pudemos perceber como, de forma diferenciada, as funções narrativas foram mobilizadas pelos sujeitos, na construção de seus textos, sem que perdessem a unidade de sentido. A manifestação da subjetividade ficou evidenciada após a verificação da mobilização das funções narrativas utilizadas pelos alunos na construção textual, pois constatamos, sobretudo, que:

- a) somente um sujeito iniciou sua narrativa com a função que Labov determina ser a primeira a aparecer na narrativa: *o resumo*. As outras três narrativas foram iniciadas com a função *orientação*, o que não prejudicou o sentido que o aluno quis atribuir à sua narrativa. Como a função *resumo* é de caráter facultativo, como já dissemos, o aluno confirmou, dessa forma, a teoria aplicada.
- b) A função *avaliação*, conforme mencionamos anteriormente, além de ter sido a função que perpassou outras funções, nos revelou a atitude do sujeito, a avaliação dele diante do fato acontecido e por ele narrado, o que também, neste sentido, confirma a teoria de Laboviana.
- c) E, por fim, constatamos que o término das narrativas foi mobilizado com diferentes tipos de *coda*, como sugere Oliveira et al.(1994), o que nos leva a reafirmar a manifestação da subjetividade dos sujeitos de nossa pesquisa, através de seus movimentos textuais.

Nesse sentido, conseguimos identificar nas narrativas produzidas pelos sujeitos da pesquisa, alguns indícios de individualidade demonstrados através da mobilização das funções narrativas sugeridas por Labov.

RESUMO: Este trabalho teve o objetivo de identificar os indícios da individualidade, determinando as funções narrativas e avaliando como os movimentos textuais são mobilizados nas construções dos textos.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas; subjetividade; movimentos textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4.ed. trad. M.Lahud e Y.F.Pereira. São Paulo: Hucitec. 1988.
- _____. *Estética da criação verbal*. Trad. M.E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



- BASTOS, Lúcia Kopschitz. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FIAD, Raquel Salek. (Re)escrita e estilo. In: *Cenas de aquisição da escrita*. O sujeito e o trabalho com o texto. Abaurre, M.B., Fiad, R.S. e Mayrink-Sabinson, M.L. (orgs.). Campinas: Mercado de letras, 1997.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- OLIVEIRA, Esther G.de et al. As funções narrativas avaliação e coda. In: *Anais do VII seminário do Cellip*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1994, p.429-433.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*. As formas do discurso. 2.ed. Campinas: Pontes, 1987.